

Proposição artística: *Compatriota 066*, Grupo Tibanaré (MT)

Crítica em processo

Por Thereza Helena

*Compatriota 066*, criação em processo apresentado na Aldeia Guaná, é a segunda experiência fora da pesquisa de clowns – investigação central do grupo Tibanaré. O projeto é novo, mas como nas montagens anteriores Jefferson Jarcem, além de dirigir, está em cena, desta vez em monólogo.

O desejo intenso de participação, no sentido da interação direta, de atuação do público, chama a atenção na montagem. Será uma vontade do ator de não estar sozinho no palco? Para compartilhar a cena, os espectadores são previamente preparados: recebem uma túnica branca com capuz e máscara, além de um cordão vermelho para amarrá-la. Assim, têm suas identidades camufladas e passam a compor uma massa de sujeitos uniformizados. Será um meio de discutir a homogeneização da sociedade contemporânea e a tendência a ver com estranheza aquilo que foge ao padrão? O espetáculo não responde essa questão.

Ao chegar, o público descalça os sapatos e recebe o abraço de saudação que transforma todos em compatriotas. No espaço de encenação, a primeira imagem que se vê são as cadeiras dispostas em arquibancadas na forma de um semicírculo. No centro está o ator, protegido por um outro círculo que parece ser de sal. Ele é o único sem a túnica. Pode-se percebê-lo como um segregado. Os primeiros textos revelam tratar-se de um expatriado. Suas falas denotam insatisfação com um possível sistema que parece estar vigente e contra o qual ele se rebela.

Há momentos em que a persona em cena parece devanear ignorando a presença do entorno. Porém, outras vezes, faz questão de convidar o espectador a realizar uma ação para continuidade da peça. No entanto, o propósito da quebra da quarta parede (aquela convenção que torna invisível a plateia para os atores) não fica muito claro e parece ser consequência do

comportamento nebuloso do ator que se situa na fronteira entre performance e interpretação. Tal fato dificulta a produção de sentido.

Nos minutos seguintes, de maneira abrupta, é construída uma cena de julgamento na qual a personagem é alvo de tomates podres por supostos integrantes do sistema contra o qual ele se rebela, que na verdade são integrantes do grupo que estão fora de cena, misturados aos espectadores. A plateia, nesse instante, pode pegar os tomates que estão embaixo da cadeira e fazer o mesmo gesto. Alguns o fazem. Seria a deixa para refletir a continuidade do processo de controle ao qual estamos submetidos na organização social atual? Uma oportunidade para refletir sobre o comportamento violento? Ou sobre agressões gratuitas tão frequentes no presente cotidiano? O exercício finaliza sem que haja uma preparação para essa reflexão.

*- Texto escrito em oficina de crítica no âmbito do projeto Cena em Questão, no Sesc Arsenal (Cuiabá-MT), a partir da programação da Aldeia Guaná, no período de 13 a 17/9/2016.*